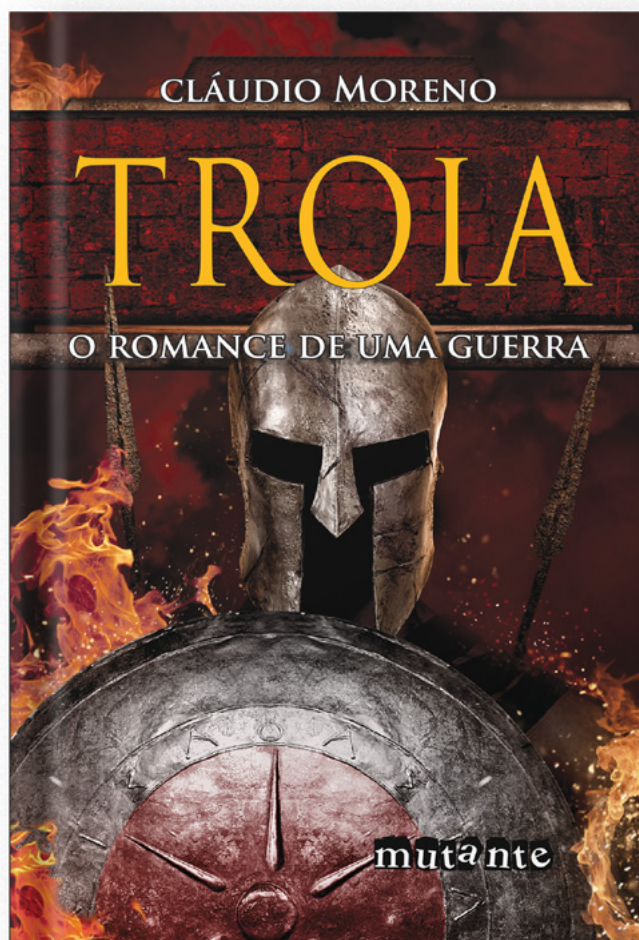


MANUAL DO PROFESSOR

Material digital do professor

TROIA: O ROMANCE DE UMA GUERRA

Produção de conteúdo
Kátia Chiaradia e Marcella Abboud



mutante

LIVRO

Troia: o romance de uma guerra

AUTOR

Cláudio Moreno

NÚMERO DE PÁGINAS

344

CATEGORIA

Ensino Médio (Obras literárias voltadas para os estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Médio)

FORMATO

135 mm x 205 mm

TEMAS

Ficção, mistério e fantasia
Diálogos com a sociologia e com a antropologia

GÊNERO

Romance

mutante

AQUI, VOCÊ ENCONTRARÁ:

	CARTA AO PROFESSOR	4
1	A CONTEXTUALIZAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA	6
	A OBRA	6
	O AUTOR	7
2	TROIA: O ROMANCE DE UMA GUERRA – PERSPECTIVAS DE LEITURA	8
	2.1 A CONSTRUÇÃO DO ENREDO: A PROFECIA SE CUMPRE	11
	2.2 A UNIÃO DA GRÉCIA NA CONSTRUÇÃO DO OCIDENTE	13
3	TROIA: O ROMANCE DE UMA GUERRA NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES	15
	3.1 APROFUNDAMENTO	15
	3.2 O UNIVERSO CLÁSSICO E A LEITURA DE CLÁSSICOS	17
4	TROIA: O ROMANCE DE UMA GUERRA E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA ...	19
	4.1 SUBSÍDIOS	19
	4.2 ORIENTAÇÕES	20
	4.3 PROPOSTAS DE ATIVIDADES 1: SUGESTÃO DE TRABALHO DE LÍNGUA PORTUGUESA	20
5	TROIA: O ROMANCE DE UMA GUERRA E OS DEMAIS CAMPOS DE SABER	34
	5.1 PROPOSTAS DE ATIVIDADES 2: SUGESTÃO DE TRABALHO INTERCOMPONENTES CURRICULARES	34
	SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	40
	BIBLIOGRAFIA COMENTADA	41

CARTA AO PROFESSOR

Caro(a) professor(a),

Com este material, convidamos você para uma experiência significativa com a leitura. Acreditamos na força da literatura como motriz de mudança do mundo e no(a) professor(a) como mediador(a) que une a potência literária à vivacidade do universo jovem.

Aqui, a concepção de literatura que nos rege é aquela que a concebe como “aspecto orgânico da civilização [...] como sistema simbólico, por meio do qual as veledades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade” (CANDIDO, 2013, p. 25). Ou seja, cremos que a literatura, cuja potência simbólica distingue sobremaneira os textos literários dos demais textos, é o espaço onde o humano se encontra consigo próprio de maneira mais íntima e, justamente por isso, precisa ser oferecida às alunas e aos alunos do Ensino Médio com a mesma riqueza com que é concebida.

Diante disso, apresentamos alguns pilares que sustentam nosso trabalho:

- 1 **A importância da fruição da literatura:** não é raro que educadores de diferentes áreas, na esperança de enriquecer o trabalho interpretativo, reduzam uma obra ao seu tema. Isso acontece de maneira sintomática quando o livro literário perde sua função primeira: aguçar o prazer e a imaginação. Despir a literatura desse senso utilitarista é fundamental para uma leitura que contempla o aluno como leitor e curador das

obras que estão ao seu dispor, cumprindo o indicado como **Competência Específica 6** da Área de Linguagens:

Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade. (BRASIL, 2018, p. 496)

- 2 **A literatura como direito humano**, capaz de propiciar o desenvolvimento de um cidadão crítico, dado que é uma das experiências de alteridade de maior poder. Conforme o professor Antonio Candido nos ensina, “negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade” (CANDIDO, 2011, p. 188).
- 3 **A análise dos gêneros textuais e das suas implicações no contexto sociocomunicativo** como forma de compreensão de que a literatura é um sistema cuja recepção dialoga constantemente com a produção, gerando novos sentidos à existência.
- 4 **Discussão das temáticas envolvidas nos textos literários** como maneira de instrumentalizar o aluno-leitor e transformá-lo em produtor autônomo de sentido.

Por isso, as propostas de trabalho que apresentamos para o livro *Troia: o romance de uma guerra* não se restringem (embora contemplem) à leitura, exclusivamente. E é por isso também que cremos que este **Manual do Professor** é apenas o início de uma longa caminhada, necessariamente múltipla e diversificada. Desejamos que cada professor e cada professora, junto a seus alunos, amplie as atividades propostas e enriqueça ainda mais seu trabalho em sala de aula. Afinal, se é possível acreditar numa mudança individual e coletiva, ela certamente perpassa a arte, e é com essa convicção que convidamos você para algumas sugestões de trabalho com a obra ora comentada.

A OBRA

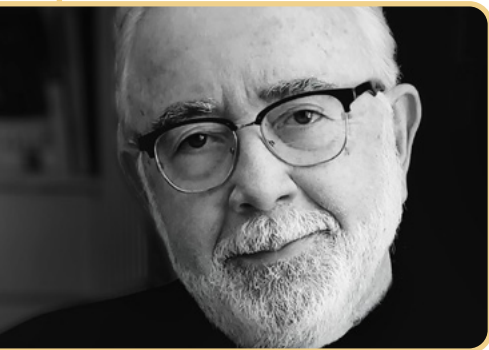
Troia: o romance de uma guerra é uma obra que mescla relatos históricos, mitologia e fantasia para recriar literariamente a Guerra de Troia, evento que mobilizou Homero a redigir a *Ilíada*, uma das três grandes epopeias clássicas que fundam a literatura ocidental.

Embora a *Ilíada* se inicie no último ano da Guerra de Troia, o romance de Cláudio Moreno segue um enredo mais didático, apoiado em mitologia clássica, que se inicia com o nascimento de Páris – sua concepção, infância e juventude até o encontro com Helena, para só então dar início à guerra.

O romance, por um lado, se desenrola com algumas das principais características da epopeia clássica: a presença ativa dos deuses na guerra; a mistura entre paixões, de todas as naturezas, e ações estratégicas; a disputa cultural, política e geográfica entre gregos e troianos. Por outro lado, contudo, incorpora elementos novos, como a estrutura de início, meio e fim, mais usual no gênero romanesco.

O romance não é, portanto, uma mera adaptação à prosa, mas uma obra que se inspira na versão de Homero, bem como em outros documentos históricos, para, com liberdade narrativa, discorrer sobre a ascensão, a guerra e a queda de Troia e as relações mobilizadas para isso.

O AUTOR



ANA ALCOVER

Cláudio Moreno, 2020, Porto Alegre

Cláudio Moreno é licenciado em Língua e Literatura Gregas, Mestre em Língua Portuguesa pela UFRGS e Doutor em Letras pela PUCRS. Como docente do Instituto de Letras da UFRGS, respondeu por várias disciplinas nos cursos de Letras, Jornalismo e Comunicação, assim como pela cadeira de Redação Acadêmica para os cursos de Pós-Graduação em Medicina.

Na revista *Mundo Estranho*, da Abril, manteve uma seção mensal sobre etimologia de 2003 a 2005. Há vinte anos é colunista regular do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, com uma coluna sobre questões de linguagem e de cultura clássica. É o criador e responsável do site *Sua Língua*, página especializada sobre a origem das palavras e demais questões de nosso idioma.

Publicou vários livros sobre redação, retórica e etimologia: *Redação técnica*, *Curso básico de redação* e *Português para convencer*. Sobre gramática, publicou o *Guia prático do português correto* em quatro volumes: *Ortografia* (2003), *Morfologia* (2004), *Sintaxe* (2005) e *Pontuação* (2010). Também lançou *O prazer das palavras* – v. 1 (2007), v. 2 (2008) e v. 3 (2013) –, com artigos sobre etimologia.

É o autor da narrativa *Troia: o romance de uma guerra* e de três livros de crônicas sobre a Antiguidade clássica – *Um rio que vem da Grécia*, *100 lições para viver melhor: histórias da Grécia Antiga* (Prêmio Açorianos de Literatura de 2009) e *Noites Gregas* (Prêmio da Associação Gaúcha de Escritores de 2016). Atualmente,

ministra cursos e palestras sobre mitologia clássica e literatura antiga, além de participar como guia cultural de excursões aos locais míticos mais importantes do Egito, do Peloponeso e da Sicília.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

Cláudio Moreno mantém o podcast *Noites Gregas*, dedicado à cultura e à mitologia da Grécia. Acesse em: www.noitesgregas.com.br.

O autor também mantém o site *Sua Língua*, dedicado à Língua Portuguesa. Acesse em: www.sualingua.com.br.

Acesso aos sites em 12 jan. 2021.

2

TROIA: O ROMANCE DE UMA GUERRA – PERSPECTIVAS DE LEITURA

É difícil imaginar um mundo em que Troia seja uma palavra desconhecida. O cavalo de Troia, a Helena de Troia, a Guerra de Troia são elementos que constroem o imaginário coletivo ocidental, e isso não é à toa. A *Ilíada*, que narra os meses finais da Guerra de Troia, foi composta no século VIII a.C. e é considerada um marco inaugural da literatura ocidental. O poema épico é formado por mais de 15 mil versos distribuídos em 24 cantos e, ainda hoje, sua leitura comove pessoas em todas as traduções ao redor do mundo.

Da *Ilíada* não foram apenas traduções que existiram; as adaptações fazem parte do universo acadêmico, mas também do entretenimento: as qualidades dos heróis (coragem, valentia, astúcia, hombridade) são sentidas mesmo na construção dos super-heróis norte-americanos. Além disso, a parceria, que vai ao extremo de confiar a própria vida ao outro (como é o caso de Batman e Robin, Kirk e Spock, Máquina de Combate e Homem de Ferro, entre

tantos outros), remete à forte presença de Aquiles e Heitor. É na esteira dessa potência literária que a obra *Troia: o romance de uma guerra* se ancora.

O romance de guerra tem a Guerra de Troia como o seu cerne do conflito principal, mas há escolhas narrativas que transformam o olhar do leitor e o redirecionam a uma triangulação amorosa. Isso fica evidente antes do início da narrativa, na página 9, em um prólogo que nos introduz ao protagonismo enviesado de Helena:

Há mais de três mil anos, a beleza de uma mulher provocou a guerra mais famosa de todos os tempos. Por causa de Helena, rainha de Esparta, considerada a mulher mais bela do mundo, os vários reinos da Grécia deixaram de lutar entre si e se uniram, pela primeira vez, para enfrentar um inimigo comum – a poderosa Troia, um reino distante que dominava o Helesponto, lá onde termina a Europa e começa a Ásia. Lutaram por mais de dez anos, e muitos milhares de homens morreram por esta rainha, que alguns diziam ser filha do próprio Zeus. No entanto, algo de novo ia nascer diante das muralhas de Troia: a ideia de uma só Grécia, de uma grande nação, unida pela mesma língua e pelos mesmos costumes. Dali nasceria o Ocidente, como nós o conhecemos. Esta é a história desta guerra. (p. 9, GRIFO NOSSO)

Três premissas estão evidentes no romance: a causa da guerra foi Helena; a guerra deu início ao conceito de Grécia unificada; o Ocidente nasce dessa unificação. Essa organização também permite entender as escolhas narrativas do autor que, mantendo os difíceis nomes gregos e as referências geográficas do período, buscou, por meio de uma narrativa linear, transformar tantos eventos múltiplos em um romance com início, meio e fim claros e delimitados, organizados numa linha de tempo.

Para compreender a maneira como foi pensada essa linha de tempo, organizamos os capítulos da seguinte maneira:

ANTES DA GUERRA	DURANTE A GUERRA	DEPOIS DA GUERRA
As bodas de Peleu e Tétis	Todos contra Troia	A queda de Troia
O pomo da discórdia	Em busca de Ulisses	Menelau e Helena
Páris, o príncipe de Troia	A Grécia precisa de Aquiles	A partida
O julgamento das deusas	As filhas de Licomedes	O segredo de Troia
Príamo reconhece Páris	A reunião dos chefes	
A sedução de Helena	A princesa deve morrer	
A fuga	O sacrifício de Ifigênia	
A prisão no Egito	A ilha de Tenedos	
A viagem de volta	Filocteto	
Troia recebe Helena	A embaixada frustrada	
O nascimento de Helena	O desembarque	
O casamento de Helena	Nove anos de espera	
	A fúria de Aquiles	
	Tétis e Zeus	
	O erro de Agamênon	
	Páris enfrenta Menelau	
	O desabafo de Helena	
	Heitor e Andrômaca	
	Agamênon se arrepende	
	Hera contra-ataca	
	A saga de Pátroclo	
	O retorno de Aquiles	
	A morte de Heitor	
	Aquiles e Príamo	
	A morte de Aquiles	
	A loucura de Ajax	
	Páris e Filocteto	
	Os oráculos de Troia	
	O cavalo de madeira	

2.1 A CONSTRUÇÃO DO ENREDO: A PROFECIA SE CUMPRE

Começamos a navegar pelo romance com o casamento entre o mortal Peleu e a ninfa Tétis, fatídico momento em que Éris, a deusa da discórdia, que não havia sido convidada, lança seu pomo, enviado “à mais bela”: Afrodite, Atena e Hera passam, então, a disputar a posse do pomo. Zeus, para fugir do peso da decisão, convoca Páris para a escolha. Coagido por Afrodite, que lhe promete o amor da mais bela mulher, Páris a escolhe, despertando a ira de Hera e Atena. Antes da decisão de Páris, temos um capítulo de digressão da sua história, fundamental para o enredo: Hécuba, enquanto estava grávida de Páris, sonhou com Troia em chamas, e Príamo, o pai, convocou um vidente de sonhos para interpretá-lo, o qual afirmou que, se a criança visse, o futuro da cidade estaria em risco. Por isso, no dia em que nasce, Páris é levado por um pastor para ser abandonado na floresta. O pastor Agelau assim o fez, mas, tendo voltado cinco dias depois, encontrou a criança viva, após ter sido alimentada por uma urso. Comovido, o pastor decide criá-lo como filho.

Sabemos que a previsão do sonho de Hécuba se cumprirá, pois é no casamento de Tétis que reside o início da derrocada de Troia: a mulher mais bela do mundo era Helena, esposa do espartano Menelau, cuja relação com Páris só será permitida via fuga ou rapto. Do casamento ao início da guerra, mergulhamos na história de Helena, sua beleza,



sua origem, toda a nobreza que a envolve. Na narrativa de Moreno, Helena foge consensualmente por ter se apaixonado por Páris. Ao final, o leitor surpreende-se quando Helena afirma a Menelau que foi apenas um simulacro seu que se entregou a Páris, uma simulação de Hera. Terá mesmo sido? Outro ponto relevante nos é contado: o suposto sequestro de Helena não é uma prática isolada no histórico grego, mas algo que faz parte do *éthos* local, já que Hesíone, irmã de Príamo, “tinha sido raptada, há anos, por um chefe grego, que se recusava a devolvê-la” (p. 32). Em alguns outros momentos, a sujeição da figura feminina a um posto de submissão reaparecerá: as filhas de Licomedes recebem Aquiles, disfarçado de Pirra, para que aprenda como casar e ter filhos, como toda mulher; ou o sacrifício de Ifigênia, entregue pelo próprio pai a Artêmis, como sacrifício para garantir o bem da cidade, mas salva pela graça exclusiva da deusa.

Essa consideração não é trivial, se pensarmos que há, conforme a narrativa acertadamente coloca, uma construção da ideia de Ocidente, e tal desigualdade sistemática de gênero é uma forma de organização política que herdamos, entre outras fontes, também do vasto arsenal cultural greco-latino. Assim, muitos saberes passaram a ser naturalizados e considerados verdades a partir dessa herança cultural greco-latina, se pensarmos nos países da Europa e nas suas respectivas colônias.

APROFUNDANDO

ÉTHOS é um termo grego utilizado para definir o conjunto de costumes, hábitos, valores e crenças característicos de um determinado local e tempo específico.

No decorrer do material, sugerimos outros aprofundamentos com subsídios e orientações à leitura da obra.

2.2 A UNIÃO DA GRÉCIA NA CONSTRUÇÃO DO OCIDENTE

De **Homero** e **Hesíodo** à atualidade, a cultura greco-latina certamente é a mais conhecida e traduzida no mundo ocidental. Isso não se dá de maneira aleatória, mas indica um poder político e econômico – por conseguinte, cultural – que a Grécia, e em seguida o Império Romano, alçou. Não é exagero afirmar que conhecer a tradição greco-latina é conhecer a base na qual se amparou a compreensão que temos de Ocidente. Essa afirmação, como visto, também é feita no livro, na página 86, em seguida àquela que vê na Guerra de Troia o início da construção de uma identidade grega. Isso teria acontecido a partir da união de diferentes líderes locais (a organização se dava por cidades-estados) que se juntaram para atacar Troia, entre eles o protagonista de outra epopeia homérica, Ulisses:

Quando soube dos detalhes do rapto de Helena, mesmo o prudente Nestor concordou que alguma coisa tinha de ser feita, e comprometeu-se a fornecer, quando a hora chegasse, uma esquadra de noventa navios, que ele próprio ia comandar. “Posso ser o mais velho de todos, mas meu braço ainda golpeia com força suficiente para atravessar qualquer escudo troiano!”, disse ele a Menelau, que conhecia a força lendária do velho. “Agora, precisamos de Ulisses!” (p. 86)

APROFUNDANDO

HOMERO foi (ou teria sido, é uma grande dúvida da história) um *aedo* (poeta e musicista) a quem são atribuídas as autorias de *Odisseia* e *Ilíada*. Teria nascido em 928 a.C.

HESÍODO foi um poeta grego (e também *aedo*), cuja obra *Teogonia* é fundamental para a cultura grega. Teria nascido em 750 a.C.

Não foi só o ardil de Ulisses que foi lembrado, a Grécia precisava de Aquiles, o filho de Tétis e Peleu, considerado o maior guerreiro grego e herói cujo destino estava marcado por Troia, como mostra o trecho da página 91:

Todos sabiam que Calcas, o grande adivinho da cidade de Megara, tinha anunciado que Troia só cairia no dia em que Aquiles lutasse diante de suas portas. Aquiles só tinha nove anos quando Calcas fez essa previsão, mas o vidente, que podia ler no voo dos pássaros o presente, o passado e o futuro dos homens, tinha se tornado tão famoso que a sua profecia tinha atravessado a Grécia toda, repetida de boca em boca. No entanto, o nome de Aquiles ainda não era famoso, e naquela época ninguém sonhava em atacar Troia, que era apenas uma cidade distante de um reino distante, lá onde a Ásia começava. Agora, no entanto, com a iminência da guerra, a velha profecia voltava a ser lembrada com toda a sua força, e todos – Agamênon, Menelau, Nestor e Ulisses – concordaram que precisavam de Aquiles para enfrentar os troianos. (p. 91)

De Esparta a Megara, passando pela Ítaca de Ulisses, cidades-estados e ilhas se organizavam em uma guerra onde finalmente receberiam uma alcunha que representasse a todos: gregos.

Confira o item **Sugestões de referências complementares** na página 40 sobre o livro *Mimesis*, de Erich Auerbach.

Aquiles, contudo, não cede à viagem de imediato e, enquanto os líderes que apoiavam Menelau buscam pelo guerreiro, o narrador nos conta sua história, desde sua origem, meio humana e meio divina, até o encantamento no rio sagrado dos deuses, responsável por deixar apenas seu calcanhar vulnerável à morte.

A *Ilíada* tem como protagonista o guerreiro Aquiles, diferentemente do romance de Moreno que destaca o triângulo amoroso entre Menelau, Helena e Páris. Apesar disso, alguns dos cantos mais exaltados da epopeia homérica foram transformados em capítulos instigantes, como o pedido de Príamo para resgatar o corpo de Heitor, dilacerado e sem ritos fúnebres. É justamente nesse poder de mediar, pela linguagem e pela estrutura romanesca, uma das obras clássicas mais relevantes do Ocidente, que reside a potência da obra *Troia: o romance de uma guerra*.

3

TROIA: O ROMANCE DE UMA GUERRA NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES

Quando confrontados com o livro de Moreno, estamos diante da confluência de pelo menos três gêneros literários: o romance, gênero que sustenta a narrativa; a epopeia, referência e força motriz da intertextualidade do livro; e os mitos gregos, que estabelecem uma dupla camada de intertexto – pois aparecem tanto na epopeia original quanto na versão romanesca de Moreno. Nesse sentido, para uma melhor experiência leitora, entendemos necessário um estudo mais aprofundado no sentido de uma diferenciação entre eles como parte do processo de formação leitora dos estudantes.

3.1 APROFUNDAMENTO

Epopeia é um gênero poético lírico, portanto, estruturado em versos. Sua temática é a exaltação de heróis e suas ações. A *Ilíada* é considerada a primeira epopeia ocidental.

Mitos são narrativas orais, com características específicas quanto ao tempo, às personagens e ao enredo. Eles podem aparecer isolados ou mesclados a outros gêneros, como é o caso das epopeias e tragédias e do próprio livro de Cláudio Moreno.

O **romance**, por sua vez, tem uma definição mais ampla, embora seja comumente resumido como um gênero narrativo em prosa, de extensão maior que a de um conto e com elementos típicos, como narrador, personagem, espaço e conflito. Georg Lukács, renomado historiador literário e precursor dos estudos sociológicos da literatura ficcional, inicia o seu célebre artigo “Nota Sobre o Romance”, de 1934, com a frase que marcará fortemente o estudo do gênero no século XX: “O romance é o gênero literário típico da sociedade burguesa” (LUKÁCS, 1981, p. 177). Tal afirmação, para o autor, significa, em grande parte, denunciar as inevitáveis contradições da burguesia, mas também explicar elementos formais do romance que se produziu no século XIX. Destacamos da análise de Lukács um ponto muito relevante no caso da obra de Moreno: a diferenciação do gênero literário Romance do gênero literário Epopeia.

Para o historiador, a diferença central entre a Epopeia Clássica e o Romance do século XIX ultrapassa a forma, dado que um é poesia e outro, prosa. Ele aponta que isso só é possível pela oposição entre dois períodos históricos: o período da epopeia retrata uma sociedade em unidade primitiva, com ausência de divisão social do trabalho, o que dá sentido para que surja a figura do herói grego, potente e corajoso, regido e inspirado pelos deuses.

Cláudio Moreno, ao se propor a fazer um romance de guerra inspirado em uma epopeia, produz, portanto, uma síntese: a união da estrutura romanesca moderna – com um narrador em terceira pessoa e a prosa fluida – com a temática epopeica, permeada pelo poder explicativo dos mitos. Um prato cheio para o estudo da literatura, sem deixar de ser a lembrança constante de um clássico.

3.2 O UNIVERSO CLÁSSICO E A LEITURA DE CLÁSSICOS

Italo Calvino, em seu ensaio “Por que ler os clássicos” (1993, p. 15), apresenta diferentes definições do que é um livro clássico e o que constitui uma obra que assim passa a ser denominada. Destacamos duas: “é clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não prescindir desse barulho de fundo”; e “é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”.

Dentro do universo dos contos que reproduzem mitos, o “barulho”, conforme Calvino, certamente está no reconhecimento das personagens envolvidas. Queremos dizer, assim, que os nomes do enredo, Helena, Aquiles, Menelau tocam temáticas universais (como a ambição, a competição, o amor, a vaidade), enquanto, ao mesmo tempo, esses mesmos nomes já carregam novos significados contemporaneamente. Assim, nos termos de Calvino, aqui reside o poder do clássico: ser reconhecido pela sua história e seguir atual para os indivíduos de outros momentos históricos. Se pusermos em perspectiva a decisão estética de Moreno, temos ainda o acréscimo da triangulação amorosa, que percorre a nossa história.

Ademais, sobre a força de permanência dos clássicos, muito apropriadamente, observa Jouve:

Para além das variáveis históricas e subjetivas, os seres humanos têm realmente certo número de coisas em comum. Toda vez que uma obra aborda uma das grandes questões com as quais somos confrontados, adquire um alcance geral que explica a persistência do interesse que se dispensa a ela.
(JOUVE, 2012, P. 124)

Assim, todo livro literário, sendo ao mesmo tempo uma leitura e uma escritura de um autor acerca de seu mundo, é **tematicamente transversal**. Iguamente, ao ser lido por um amplo universo de diferentes leitores, todo livro literário é **tematicamente múltiplo**.

Assim também ocorre com a literatura voltada às crianças e aos jovens adultos: de todos os temas e leituras que se entrecruzam em um livro, o jovem leitor escolherá aqueles que lhe convêm, com os quais guarda suficiente **identificação**, para que se sinta **parte da obra**, mas também que perceba certo grau de **estranhamento**, para que dela possa **extrair algo novo** para si. A dinâmica entre identificação e estranhamento é o que permite o desenvolvimento do repertório sociocultural, fundamental para fruição de obras de arte ao longo da vida, mas também permite que se experencie a existência humana em sua multiplicidade.

Pensando em um trabalho de Ensino Médio, faz mais sentido ao(à) professor(a) e/ou ao(à) mediador(a) de leitura se perguntar: quanto de estranhamento e quanto de identificação, seja consigo, com seu espaço ou com seu tempo, este livro pode proporcionar aos jovens leitores? Quanto este livro facilitará que eles ampliem suas relações com o mundo e, portanto, com sua autonomia e capacidade crítica?

Considerando a dicotomia de oferecer resistência e, ao mesmo tempo, não ser um impeditivo, **esse livro pode ser considerado um modelo**. Isso porque, ao mesmo tempo em que o enredo dos contos demanda acesso a termos de um vocabulário mais erudito (o que contribui para a ampliação do repertório lexical) e conceitos-chave da cultura, essa demanda não impõe qualquer obstrução à compreensão contextual. Mais que isso: o enredo tem apelo atual, ainda que se passe em um tempo distante – há 3 mil anos.

4.1 SUBSÍDIOS

Sabemos que este livro é proposto para ser trabalhado primordialmente pela área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio e, por isso, recorreremos à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para destacar aquilo que teremos como *foco na aprendizagem*:

No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da **autonomia**, do **protagonismo** e da **autoria** nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no **estabelecimento de relações**; na **apreciação** e na **participação em diversas manifestações artísticas e culturais**; e no **uso criativo das diversas mídias**. (BRASIL, 2018, P. 471, GRIFO NOSSO)

Nesse sentido, antes de qualquer atividade, sugerimos que você, professor(a), faça um levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre a história da Guerra de Troia. Peça que aqueles que conhecem algum evento relacionado à guerra (mesmo que seja a lembrança da adaptação para filme) contem para os colegas em sala de aula quem são os heróis, as personagens, o cavalo (geralmente a referência mais imediata). Essa é uma maneira de, simultaneamente, trabalhar a prática de oralidade e construir um espaço propício para a motivação antes da leitura. Anote essas lembranças dos alunos, ampliando-as com alguns elementos que não foram lembrados por eles, e use as anotações como material diagnóstico para o início das suas atividades.

4.2 ORIENTAÇÕES

Professor(a), este material considera que a obra *Troia: o romance de uma guerra*, de Cláudio Moreno, tem forte apelo interdiscursivo e intertextual, e muitas atividades são possíveis a partir das referências clássicas. Aqui, proporemos duas atividades vinculadas a habilidades de Língua Portuguesa, considerando o elemento narrativo do oráculo para a primeira (e que pode ser ampliada com outros elementos em comparação à contemporaneidade) e a segunda com foco no uso dos adjetivos para a descrição dos heróis.

4.3 PROPOSTAS DE ATIVIDADES 1: SUGESTÃO DE TRABALHO DE LÍNGUA PORTUGUESA

4.3.1 Proposta de Atividade A

Habilidades de Linguagem desenvolvidas ou trabalhadas nesta proposta:

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

Habilidades de Língua Portuguesa desenvolvidas ou trabalhadas nesta proposta:

(EM13LP03) Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades.

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

(EM13LP51) Selecionar obras do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural.

(EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, *vlogs* e *podcasts* literários e artísticos, *playlists* comentadas, fanzines, *e-zines* etc.).

PRÉ-LEITURA

Questione, antes de começar a leitura do livro, se os alunos reconhecem algo sobre Troia, seja pela capa do livro, pela palavra ou por lembranças cinematográficas. **Questione**-os se conhecem o termo “oráculo”, registrando as possibilidades de definição que aparecerem. Caso não haja hipóteses, **questione**-os sobre videntes, intérpretes de tarô, futurólogos ou outros elementos que sejam mais próximos de sua realidade.

A primeira leitura da obra pode ser realizada individualmente ou em grupo. **Peça** que os alunos anotem as palavras que desconhecem e/ou causam estranhamento, especialmente aquelas que, por serem eruditas, raramente são utilizadas. Eles também podem anotar trechos cuja sintaxe cause

estranhamento. Essa primeira conversa é fundamental para que aconteça a apropriação de repertório, conforme sugere a EM13LGG601.

LEITURA

Pergunte aos alunos se gostaram do texto. Assegure em suas aulas, professor(a), a importância da fruição literária (EM13LGG602). Em seguida, realize com os alunos a primeira leitura em voz alta. Durante a leitura, peça que os alunos destaquem as passagens que consideraram mais envolventes, interessantes, curiosas. Instigue a sensibilidade na leitura.

Proponha, em seguida, que os alunos falem livremente sobre os oráculos e videntes da narrativa. É provável que eles reconheçam aquele que anuncia que o sonho de Hécuba era um prenúncio da queda de Troia. **Incentive**-os a falar e estabelecer relações com suas leituras, com seu repertório cultural, com sua vida, de modo a fomentar uma leitura mais significativa. **Instigue**-os a perceber que a figura do oráculo não é ilustrativa: ela condiciona a ação das personagens, modificando a teia narrativa como um todo.

Questione-os, também, sobre oráculos que aparecem em filmes e livros contemporâneos. Como eles funcionam? **Proponha** assistirem juntos ao filme *Matrix* (1999) e debata a figura do oráculo (que, no filme, é uma mulher, diferente dos oráculos gregos) em relação ao herói. Um ponto interessante para eles perceberem, com sua mediação, é que a fala taxativa de um oráculo grego se transforma em questionamento em *Matrix*, mas que, em ambos os casos, a ação do herói desemboca no seu inevitável destino. Esse processo renderá um bom debate sobre heteronomia *versus* autonomia. Esse passo favorece o desenvolvimento das habilidades EM13LP03 e EM13LP50.

PÓS-LEITURA

Tendo sido feitas as discussões iniciais, desenvolvendo a habilidade EM13LP46, **proponha a elaboração** de um **mapa mental** com as características e funções do oráculo dentro das narrativas. Geralmente, os oráculos aparecem no início das histórias e são lembrados, ao longo delas, pela ação das personagens. Peça que organizem as duas obras em comparação, indicando **semelhanças** e **diferenças**. É bem provável que percebam que a narrativa de Neo se assemelha, em muitos pontos, à de um herói clássico.

O mapa mental será um roteiro para a **elaboração de um vídeo** para ser postado em um **vlog** cuja temática deve ser a figura dos oráculos. No vídeo, de 3 a 5 minutos, cada aluno (ou dupla) deverá considerar os seguintes subtemas:

- explicar o que é um oráculo;
- identificar o oráculo em alguma narrativa;
- relacionar o enredo à fala do oráculo e, enfim;
- comparar o oráculo de *Matrix* com os oráculos gregos.

Dessa forma, trabalharemos na habilidade EM13LP53. Além de *Matrix*, **instigue-os** a pesquisar outras leituras para elaborar o vídeo para postagem em vlog, pois, na medida em que o fazem, acabam por analisar as relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários, conforme sugere a habilidade EM13LP50. Além disso,

APROFUNDANDO

VIDEOLOG ou **VLOG** é um blog estruturado e alimentado por vídeos. Ou seja, o produtor de conteúdo – vlogueiro – escolhe alguns temas, faz produções audiovisuais a respeito deles e publica-os na web, em espaço próprio. Geralmente, esses vídeos são postados em plataformas como YouTube e Vimeo.

eles desenvolvem sua autonomia, na medida que selecionam obras “do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções”; possibilitando a construção de seu acervo pessoal, pensado de maneira crítica (EM13LP51).

Sugerimos, por fim, que, de fato, todos os vídeos sejam postados em um vlog, o qual pode ser criado pela turma como culminância dos trabalhos.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

MATRIX. Direção de Lilly Wachowski e Lana Wachowski. Warner Bros., 1999. Filme de ficção científica que narra a trajetória de Neo, um cibercriminoso, descobrindo a realidade paralela da Matrix e participando de uma revolta contra as máquinas responsáveis por sua criação.

➤ Sugestão de critérios e rubricas para orientar a produção dos alunos nesta proposta:

Professor(a), para apoiar você na coordenação das produções de seus alunos, **sugerimos** a seguinte lista de checagem de critérios (*checklist*), que pode orientar o processo autoral de cada estudante e, por isso, deve ser compartilhada com eles.

Caso seja conveniente ao seu planejamento **avaliar** essas produções, **sugerimos** também um conjunto de **rubricas** para cada critério, com suas

APROFUNDANDO

RUBRICAS são esquemas explícitos para classificar produtos ou comportamentos em categorias que variam ao longo de um contínuo. Podem ser usadas para classificar qualquer produto ou comportamento, tais como redações, ensaios, trabalhos de pesquisa, apresentações orais e atividades. Elas podem ser usadas para prover feedback formativo dos alunos e aos alunos, no processo de dar notas ou avaliar trabalhos.

expectativas para os diferentes níveis de produção. Sugerimos que sejam compartilhadas previamente com seus alunos.

Você pode usar, rejeitar ou adaptar todas as sugestões, conforme lhe convenha. Importa dizer que este é apenas um conjunto de possibilidades de critérios que envolvem a produção de um vídeo para vlog.

Crítérios para orientar a produção do vlog	SIM/NÃO
Define explicitamente o que é oráculo.	
Identifica o oráculo em alguma narrativa.	
Relaciona a fala do oráculo com o enredo da narrativa.	
Compara com a figura do oráculo grego.	

➤ **Avaliando as multidimensões do trabalho**

Professor(a), é direito de todo estudante ser avaliado em sua aprendizagem. Assim, avaliar a produção de seus alunos e de suas alunas, provendo-lhes *feedback* formativo, assim como registrar essa avaliação é um importante compromisso de professores com uma educação sistêmica.

Entendemos que a função primordial de uma avaliação é levantar elementos para que se possa intervir construtivamente no processo de aprendizagem dos estudantes.

A proposta de trabalho aqui apresentada pressupõe que a aprendizagem ocorre em multidimensões e, por isso, o instrumento que **sugerimos** abaixo para apoiar você nessa etapa também deve lhe permitir avaliar essas multidimensões.

Você pode usá-las, rejeitá-las e adaptá-las conforme lhe convenha. Importa dizer que esse é apenas um conjunto de possibilidades descritivas das atividades que envolvem a produção de um artigo de opinião,

e você pode criar outras. Importa também dizer que você não precisa avaliar a aprendizagem de seus alunos em todos os critérios aqui propostos, se não fizerem sentido para sua prática.

► **Elaboração e apresentação de um vídeo para vlog**

	4	3	2	1
Duração do vídeo	O tempo-limite de 3 a 5 minutos foi devidamente respeitado.	O vídeo não chegou a 2 minutos ou ultrapassou em até 2 minutos o tempo-limite estabelecido.	O vídeo era muito curto ou ultrapassou em mais de 2 minutos o tempo-limite estabelecido.	O vídeo não foi gravado, embora tenha sido planejado enquanto roteiro.
Abordagem do tema	Todos os itens exigidos sobre <i>oráculo</i> foram discutidos no vídeo. As informações apresentadas estavam completas e corretas.	Todas as informações apresentadas sobre <i>oráculo</i> estavam corretas. No entanto, um dos itens exigidos como subtema não foi discutido pelo vídeo.	Algumas informações apresentadas sobre <i>oráculo</i> não estavam corretas. Além disso, um ou dois dos itens exigidos como subtema não foi(foram) discutido(s) pelo vídeo.	O vídeo não trouxe informações completas/corretas sobre <i>oráculo</i> . Além disso, abordou no máximo dois dos itens exigidos de forma superficial.
Clareza e didática	A linguagem utilizada estava clara e didática. O vídeo permite que o público leigo aprenda, efetivamente, com o vídeo.	A linguagem utilizada estava clara. O vídeo, no entanto, não é didático e exige que a audiência já conheça os temas abordados para que possa compreender seu conteúdo.	O vídeo revela uma preocupação com a didática. No entanto, sua apresentação não estava clara e a compreensão do seu conteúdo ficou muito comprometida.	O conteúdo não foi apresentado de forma clara nem didática. Sem o pleno domínio prévio dos conteúdos abordados, o vídeo se torna incompreensível.

	4	3	2	1
Qualidade de imagem e som	O vídeo foi gravado de forma criativa. Recorreu adequadamente a diversos recursos multissemióticos (gráficos, textuais, sonoros etc.) e conseguiu atrair a atenção da audiência.	O vídeo foi gravado de forma adequada. A qualidade do som e das imagens permitiu pleno entendimento do seu conteúdo pela audiência.	Os recursos de gravação utilizados (imagem e som, por exemplo) permitiram o entendimento do conteúdo em apenas parte do vídeo, pois em alguns momentos a gravação se mostrou comprometida.	A gravação se mostrou bastante comprometida em boa parte do vídeo.
COMENTÁRIOS:				

4.3.2 Proposta de Atividade B

Habilidades de Linguagem desenvolvidas ou trabalhadas nesta proposta:

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

(EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.

Habilidades de Língua Portuguesa desenvolvidas ou trabalhadas nesta proposta:

(EM13LP12) Selecionar informações, dados e argumentos em fontes confiáveis, impressas e digitais, e utilizá-los de forma referenciada, para que o texto a ser produzido tenha um nível de aprofundamento adequado (para além do senso comum) e contemple a sustentação das posições defendidas.

(EM13LP15) Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.

Nessa atividade, as habilidades trabalhadas mobilizaram as competências específicas:

1 - Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

3 - Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

6 - Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

PRÉ-LEITURA

Para a realização desta atividade, sugere-se que os alunos tenham lido ao menos até a busca feita por Menelau pelos heróis que comporiam o ataque a Troia. A proposta da atividade é analisar o uso de adjetivos na construção de heróis. Em um primeiro momento, sugerimos que você, professor(a), **question**e os alunos sobre como eles definiriam algum herói

ou super-herói que reconhecem da literatura e do cinema. Enquanto elaboram essa pequena descrição, anote os adjetivos usados.

Questione o uso dos adjetivos: por que são tão importantes dentro de uma obra que se constrói com a figura de heróis? É um momento interessante para fazê-los pensar em que momento o uso de adjetivos pode influenciar textos que não são da ordem da fantasia, como notícias. Caso queira, professora(a), traga manchetes que utilizem adjetivos: é bem comum que, via adjetivo, possa ser lida a ideologia do órgão da imprensa, o que instiga o trabalho com a habilidade EM13LGG604.

LEITURA

A primeira leitura da obra pode ser realizada individualmente ou em grupo. **Pergunte**-lhes se gostaram do texto. Assegure em suas aulas, professor(a), a importância da fruição literária (EM13LGG602). Em seguida, realize com os alunos uma segunda leitura em voz alta, de maneira compartilhada. Durante a leitura, peça que os alunos reparem no uso dos adjetivos pelo narrador.

Proponha, em seguida, que os alunos falem livremente sobre o que leram, especialmente rotulando as características, filiações e relações familiares. Alguns exemplos:

O próprio Menelau, rei de Esparta e marido de Helena (p. 33)

Quem encontrou a solução foi o astucioso Ulisses (p. 78)

Aquiles, generoso, veio nos defender, mas ele pouco pode fazer contra a fúria de tantos! (p. 118)

{ O previdente Heitor tinha dado ordens para que todos dormissem armados (p. 143) }

É interessante notar como a filiação é parte fundamental para a construção dos enredos, pois os deuses também se partidarizam na guerra e se dividem para influenciá-la. Essa comparação do uso dos adjetivos é importante para o trabalho com a EM13LP46.

PÓS-LEITURA

Tendo sido feitas essas discussões, a proposta de produção de texto contempla a EM13LP15. Propomos a **produção de um artigo de opinião** sobre a temática do uso dos adjetivos como forma de marcação ideológica de jornais e revistas.

Instrua os alunos a utilizarem, como fonte de comparação, a própria leitura feita da obra literária: afinal, que efeito de sentido os adjetivos geram? Por que determinar a filiação de alguém repercute no que pensamos sobre ela? Em seguida, sugira aos alunos que aprofundem sua pesquisa de dados com notícias sobre temas polêmicos, para facilitar a comparação. Exemplo disso é o uso do adjetivo “usuário” para se referir a pessoas brancas com porte de drogas, enquanto pessoas negras geralmente são alcunhadas de “criminosas”. Essa pesquisa favorece o trabalho com a habilidade EM13LP12. Peça para serem cuidadosos na escolha dos dados e informações utilizados e instigue-os a tentar estabelecer uma comparação, no texto, com a obra literária.

SUGESTÃO DE REFERÊNCIA COMPLEMENTAR

ANTUNES, Irandé. *Território das palavras – estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

Nesta obra, Irandé Antunes trata do léxico e do vocabulário da Língua Portuguesa e mostra que seria de grande valia lidar com o léxico, na escola, segundo a perspectiva de sua atuação no texto.

- **Sugestão de critérios e rubricas para avaliar a produção dos alunos nesta proposta:**

Avaliando a elaboração de um artigo de opinião

	4	3	2	1
Tese ou ponto de vista	Estabeleceu uma tese ou um ponto de vista aceitável.	Não estabeleceu tese, mas o texto tem direção.	Não há tese ou direção no texto, que se assemelha a uma listagem de comentários articulados.	Não há tese ou direção no texto, que se assemelha a uma listagem de comentários desarticulados.
Textos de apoio	Analizou corretamente os documentos citados no trabalho (mesmo mal interpretando algum). Usou a maioria dos documentos disponíveis.	Analizou os documentos citados no trabalho. Buscou usar a maioria dos documentos disponíveis.	Analizou parte dos documentos citados no trabalho. Usou ao menos um deles.	Não usou, tampouco analisou os documentos citados no trabalho.
Organização e apresentação das ideias	Sustentou a tese com evidências adequadas e documentadas. Organizou as ideias pesquisadas em duas ou três categorias.	Sustentou a tese com algumas evidências. Organizou as ideias segundo algum princípio.	Sustentou a tese, mesmo sem evidências adequadas e documentadas. Não organizou as ideias de maneira a facilitar a compreensão do leitor.	Não sustentou a tese.

	4	3	2	1
Uso da modalidade	O(A) aluno(a) faz bom uso do registro e da variante, apresenta desvios pontuais.	O(A) aluno(a) faz bom uso do registro e da variante, mas apresenta desvios; ou O(A) aluno(a) erra no uso do registro e da variante, mas não apresenta desvios.	O(A) aluno(a) erra no uso do registro e da variante, e apresenta desvios esporádicos.	O(A) aluno(a) erra no uso do registro e da variante, além de apresentar muitos desvios, incompatíveis com a etapa escolar e com as próprias capacidades.
Respeito aos prazos	O(A) aluno(a) cumpriu com todos os prazos.	O(A) aluno(a) apresentou o artigo na data combinada, mas algumas poucas entregas parciais foram realizadas fora do prazo combinado.	O(A) aluno(a) apresentou o artigo na data combinada, mas quase todas as entregas parciais foram realizadas fora do prazo combinado; ou O(A) aluno(a) não entregou o artigo no dia combinado, ainda que as entregas parciais tenham sido realizadas no prazo correto.	O(A) aluno(a) não entregou o artigo na data combinada, e quase todas as entregas parciais foram realizadas fora do prazo.

COMENTÁRIOS:

PARA ALÉM DA SALA DE AULA:

Entender e saber usar modalizadores textuais é uma habilidade fundamental de Análise Linguística e Semiótica, a qual permite que o aluno se transforme, além de leitor, em cidadão crítico, capaz de discernir – ao ler notícias, reportagens, editoriais etc. – o que configura *fato objetivo* e o que configura *opinião*. Em tempos de *fake news* e teorias conspiratórias, atentar-se aos modalizadores é um mecanismo fundamental para desviar da desinformação. Esse é um conhecimento que, a partir dessa atividade (4.3.2), pode e deve ser compartilhado com toda a comunidade por meio de atividades extracurriculares e intercomponentes.

5

TROIA: O ROMANCE DE UMA GUERRA E OS DEMAIS CAMPOS DE SABER

5.1 PROPOSTAS DE ATIVIDADES 2: SUGESTÃO DE TRABALHO INTERCOMPONENTES CURRICULARES

Neste tópico, apresentaremos algumas sugestões de trabalhos em associação a outros componentes para além da Língua Portuguesa. O nosso foco será na área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas.

De acordo com a BNCC:

no Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade.

(BRASIL, 2018, P. 561, GRIFO NOSSO)

Considerando tudo que dissemos até aqui, sem esquecer a dimensão social e cultural da narrativa, selecionamos dois eventos do livro para serem trabalhados com os componentes de **História** e **Sociologia**, respectivamente. A saber: a morte de Heitor e a relação com os ritos fúnebres e a lei da hospitalidade em comparação à xenofobia.

5.1.1 A morte de Heitor e a súplica de Príamo

PRÉ-LEITURA

Relembre ou apresente aos alunos a referência clássica do livro, a *Ilíada*. Se tiver disponível, **leia** com eles o último canto, um dos mais emocionantes, em que Príamo, vendo seu filho ser arrastado por Troia depois de morto por Aquiles, pede ao herói sua misericórdia para os ritos fúnebres.

LEITURA

O mesmo teor presente no último canto aparece nos capítulos “A morte de Heitor” e “Aquiles e Príamo”. O pedido de Heitor, na hora da sua morte, é claro: “Por tua vida, por teus pais, eu te peço: não entregues meu corpo aos cães! Aceita todo o ouro que meu pai e minha mãe irão te oferecer, a fim de que os troianos possam me sepultar!” (p. 231). E, depois de morto, a súplica de seu pai: “Tive muitos filhos, e muitos a guerra levou, mas aquele com que eu contava para defender minha velhice foi morto pelas tuas mãos! Por isso eu venho aqui, suplicar-te que aceites um resgate por seu corpo. Vamos, Aquiles, pensa no teu pai e tem piedade de mim!” (p. 238). **Destaque** essas passagens durante a leitura.

PÓS-LEITURA

A importância do ritual fúnebre é, como podemos ver, parte original da cultura ocidental. O direito à memória dos mortos aparece com clareza

nas súplicas de Príamo, mas também no funeral fornecido por Aquiles a Pátroclo. Junto ao professor de História, **discuta** sobre as pessoas que sumiram durante a ditadura e a insistência das famílias em reaver os corpos como uma forma de reviver os rituais ocidentais em relação à morte. Apresente casos famosos de corpos sumidos e a ausência, no Brasil, de memórias concretas sobre a época. Cremos que essa é uma maneira ilustrativa de compreender um pouco mais a violência de um dos períodos mais obscuros da nossa história.

Habilidade de Linguagem desenvolvida ou trabalhada nesta proposta:

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.

Habilidades de Língua Portuguesa desenvolvidas ou trabalhadas nesta proposta:

(EM13LP32) Selecionar informações e dados necessários para uma dada pesquisa (sem excedê-los) em diferentes fontes (orais, impressas, digitais etc.) e comparar autonomamente esses conteúdos, levando em conta seus contextos de produção, referências e índices de confiabilidade, e percebendo coincidências, complementaridades, contradições, erros ou imprecisões conceituais e de dados, de forma a compreender e posicionar-se criticamente sobre esses conteúdos e estabelecer recortes precisos.

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais desenvolvidas ou trabalhadas nesta proposta:

(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

5.1.2 A lei de hospitalidade e a xenofobia

PRÉ-LEITURA

Um dos elementos mais interessantes nas narrativas gregas – que resultam, inclusive, em muitos conflitos – é a lei de hospitalidade. Nas narrativas homéricas, a lei de hospitalidade é muito presente e se caracteriza por ser essencial para a conduta moral dos gregos. Ela pode ser definida como uma obrigatoriedade moral de receber o estrangeiro em suas terras e a ele prover o melhor possível. **Apresente** esse conceito antes da leitura da obra.

APROFUNDANDO

XENOFOBIA: preconceito e discriminação direcionada ao que vem de fora, ao estrangeiro. Geralmente associada à imigração.

LEITURA

Vemos vários exemplos disso no livro de Cláudio Moreno. **Destaque** com os alunos algumas dessas passagens. Seleccionamos alguns exemplos:

Detenham esse homem, quem quer que ele seja – pois ele é acusado de desrespeitar as sagradas leis da hospitalidade –, e tragam-no à minha presença, para que eu ouça pessoalmente o que ele tem a dizer sobre isso. (p. 52)

Menelau, atônito, recebeu a notícia de que o seu hóspede troiano tinha desonrado a casa real de Esparta, traindo a sua confiança e desrespeitando as mais sagradas leis da hospitalidade. (p. 81-82)

Antenor saudou cordialmente os dois estrangeiros e ofereceu-lhes a hospitalidade de costume, em sua própria casa, de acordo com a tradição estabelecida pelo poderoso Zeus. (p. 139)

PÓS-LEITURA

Proponha uma comparação entre a lei da hospitalidade grega e a atual relação que o mundo ocidental estabelece com o estrangeiro (por exemplo, no cenário de crescimento de refugiados), discutindo, junto ao(a) professor(a) de Sociologia, a questão da xenofobia.

Confira o item **Sugestões de referências complementares** na página 40 sobre a lei da hospitalidade.

Habilidades de Linguagem desenvolvidas ou trabalhadas nesta proposta:

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de

legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

Habilidade Específica de Língua Portuguesa desenvolvida ou trabalhada nesta proposta:

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais desenvolvidas ou trabalhadas nesta proposta:

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- **AUERBACH, Erich.** *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Embora não tenha sido citada no texto, a obra guia todo o trabalho na sua concepção básica de mimesis, especialmente o primeiro capítulo “A cicatriz de Ulisses”, responsável por explicar como a narrativa de Homero reaproveita a história e a mimetiza em sua construção. Mais importante ainda é mencionar que essa obra trata da realidade na literatura ocidental e se inaugura justamente com a maior epopeia grega.

- **FREITAS, Mônica Silva de.** A hospitalidade em Homero. *Ítaca*, Rio de Janeiro, n. 27, 2014. Disponível em: bit.ly/pnld-revista-itaca. Acesso em 18 dez. 2020.

Um elemento interessante nas narrativas gregas – que resulta, inclusive, em muitos conflitos – é a lei de hospitalidade. Para compreender mais sobre a lei da hospitalidade, sugerimos o artigo “A hospitalidade em Homero”, de Mônica Silva de Freitas.

- Ver outras SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES nas páginas 8, 24 e 31 deste material.



Capa do livro *Mimesis*.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

A Base Nacional Comum Curricular define o conjunto de aprendizagens essenciais a que todos os estudantes têm direito, por lei, na Educação Básica. É um compromisso do Estado brasileiro para favorecer as aprendizagens de todos os alunos e fortalece a colaboração entre União, Estados e Municípios. Seus Fundamentos pedagógicos se ligam ao compromisso com a educação integral, ou seja, com a formação e o desenvolvimento humano global, nas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica. O principal desafio da BNCC, enquanto meta político-educacional, é estabelecer um pacto nacional em torno da igualdade de oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento para todos os estudantes durante a Educação Básica.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Obra fundamental para o ensino de clássicos. Nela, Italo Calvino dá diretrizes teóricas para a compreensão dos elementos constitutivos de uma obra que a transforma em atemporal e, nesse sentido, clássica.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

Desta riquíssima obra de Antonio Candido, selecionamos o clássico “Direito à literatura”, não só pela sua importância teórica, mas por, definitivamente, sintetizar o que rege este material, isto é, a visão da literatura – e da arte e de sua fruição – como um direito humano.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos.* Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.

Livro de referência para a compreensão da literatura nacional, mas também para a sistematização do saber literário. Na sua introdução e nos primeiros capítulos, com habilidade e didática única, Antonio Candido explica como se forma – e sua função enquanto arte – a literatura.

HOMERO. *Ilíada.* Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2020.

Para conhecer a obra de Homero, Ilíada, recomendamos a edição bilíngue com a tradução feita pelo professor Trajano Vieira. Além da tradução e do original em grego, consta um riquíssimo posfácio e notas muito elucidativas.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?.* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

Nesse ensaio, Vincent Jouve demonstra o papel imprescindível dos estudos literários, pois eles participam da consciência daquilo que somos e incidem sobre a formação do espírito crítico, motor de toda a evolução cultural. Para o autor, a literatura tem um valor específico que confere legitimidade aos estudos literários, uma vez que o confronto com as obras enriquece nossa existência ao abrir o campo dos possíveis.

LUKÁCS, Georg. *Sociologia.* São Paulo: Ática, 1981.

O livro reúne diferentes ensaios do sociólogo Georg Lukács, entre eles, o “Nota sobre o romance”, escrito em 1934 e que ficou inédito por quase 40 anos no Ocidente. Ele é base daquilo que redundará nos seus estudos avançados sobre a teoria do romance.